

O objetivo central do presente artigo é o de problematizar o caráter transitivo da chamada Literatura negra brasileira, também conhecida por Literatura afro-brasileira, e que pode ser definida como sendo aquela onde emerge uma consciência negra, ou seja, onde um "eu" enunciador assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da Abolição da escravatura.

A Literatura negra, tomando a si a tarefa de protestar contra as complicadas e sutis formas de racismo que perduram até hoje na sociedade brasileira, que ainda vê nos descendentes de africanos as marcas de mais de trezentos anos de escravidão, tende a construir-se muito próxima destes referentes, perdendo, por vezes, sua força poética. Constitui-se ainda em objetivo do presente estudo, analisar a tendência da literatura negra a assumir a causa dos direitos de igualdade dos negros brasileiros, transformando seus contos e poemas em bandeiras de luta contra a violência discriminatória de que é vítima a comunidade afro-brasileira. É nossa tese que, ao erguer esta bandeira de defesa dos direitos humanos e ao tecer a trama narrativa ou poética com os fios da revolta e da denúncia, esta literatura tende a perder sua literariedade, tornando-se o lugar da recondução do lugar-comum onde até as metáforas são estereotipadas.

Tomamos como *corpus* para a comprovação desta hipótese, o conjunto de antologias publicadas, em São Paulo, desde 1978 até a presente data pelo grupo *Quilombhoje*. Alternando contos e poesias, as publicações recebem o título de *Cadernos negros* : em 1978, foi publicado o *Cadernos negros* 1, chegando ao número 20 em 1997. Trataremos, pois, de mostrar que, independentemente da justeza da causa que a anima, esta literatura torna-se a cada ano menos vigorosa devido à cristalização de suas fórmulas e à (quase) completa exaustão do manancial simbólico que a nutre. Sublinhamos desde já que entre os muitos autores que participam destas antologias apenas alguns escapam a esta tendência à coagulação da linguagem, conseguindo, apesar do engajamento, atingir um alto nível de poeticidade. São contudo exceções que confirmam a regra, pois, na maioria dos casos, a obsessão com o compromisso acarreta uma redução significativa no número de leitores, parecendo ser dirigida apenas aos membros da mesma comunidade. Sua recepção fica deste modo reduzida a tal ponto que sua visibilidade, em termos de literatura brasileira, passados 20 anos da primeira edição, é praticamente nula.

O que se observa é que o desejo de influir, através da palavra poética, na modificação da ordem social que exila o negro para a periferia do sistema e o exclui da maioria das manifestações culturais, leva a um tipo de poema engajado como este que se lê em *Cadernos negros* 3:

O meu poema não basta.
Não leva o pão à mesa;

Não constrói a moradia.

.....

Bem sei, o meu poema não basta,

Mas aí do povo

Que não tem seus cantores!¹

Nota-se aqui, um movimento semelhante ao de Negritude, quando Césaire dizia serem os poemas “armes miraculeuses”, capazes de transformar a face da terra. Esta crença do poeta como profeta, cuja palavra constitui-se em arma milagrosa na defesa dos direitos humanos contra a violência do racismo, perdurará, como tentaremos demonstrar, desde este início dos anos 80 até os dias de hoje, como comprovam os versos deste poema:

As minhas palavras de pedra

Hoje as quero rolando pelas ladeiras

Nas mãos dos moleques de rua,

Rompendo telhados de vidro

Dos antigos maus vizinhos, das caras da cor de lua

Quero as palavras de pedra, pelas ruas da cidade²

Esta profissão de fé na força da palavra poética, bem ao gosto sartreano, é uma das constantes da poesia negra que pouco se modificaram nestes últimos 20 anos. Outra destas características é o

¹ DE PAULA, W.J. “Meu poema”. In: *Cadernos negros* 3. São Paulo : Ed. dos autores, 1982.p.55

² CORREA, L. “Justiça vidente”. In: *Cadernos negros* 19. São Paulo : Editora Anita, 1996. p.119.

exercício de martirologia, isto é, uma rememoração das penas infligidas aos escravos e das injustiças que o racismo, com sua cadeia infindável de exclusões, impõem ao negro brasileiro. Deste modo, o ressentimento perspassa o discurso poético, transformando a lamentação e a queixa em forma privilegiada de contato com o mundo. O rancor é o componente principal da retórica do ressentido, tendendo a uma mentalidade tribal que se nutre deste rancor e esforça-se por eternizá-lo.

Omissão de aperitivo copo cheio

Receio de ser negro

Negaceio

Meneio de cabeça

Cabeçada

Em aguçada ponta cheia de ilusão...

Desculpa esfarrapada

Na garupa do cavalo fugitivo no galope à procura do não-ser

Conivência de trair toda vivência

Com agressões tão violentas de

"não sei, não senti, não vi"

riso falso camuflado na vergonha

riso ódio que detesta e não contesta

só se fecha nesta mágoa de gol contra³

³ CUTI, "Quem foge sabe conhece bem como faz mal ser tão ninguém". In *Cadernos negros 5*. São Paulo : Ed. dos autores, 1982. P.18-19.

Dez anos após a publicação deste poema, em *Cadernos negros 15*, de 1992, o ressentimento se exprime com a mesma força em poema de Carlos Assunção:

Minha vida minha vida
É ilha de sofrimento
Cercada de injustiça por todos os lados
Meu irmão ondê a saída
Senão a força da rebeldia
.....
Vítima de perseguição
Encurralado marginalizado
Neste mundo neste mundo
Que é meu mundo também
Meu irmão tenho vontade
De sair como um demente
Gritando gritando pelos campos
E ruas e praças das cidades
Que é preciso urgentemente
Limpar com papel higiênico
A cara cristã da sociedade⁴

Como se vê, há neste poema uma repetição de fórmulas exauridas pela constância com que se retomam, ao longo dos anos, as mesmas temáticas, reivindicando seus autores o estatuto de vítimas, o que

⁴ ASSUMPÇÃO, C. "Indignação". In: *Cadernos negros 15*. São Paulo : Ed. dos autores, 1992. p.9.

contribui para circunscrever a poesia negra, reservando-lhe um reduzido alcance.

Voltar-se eternamente para o passado, para lembrar as agruras do período da escravidão, constitui-se em outra constante desta poesia que pretende, com esta fórmula, exorcizar este passado conclamando o leitor a unir-se ao poeta em seu desejo de revanche. O discurso do negro - que custou a emergir no panorama da literatura brasileira, onde só se registrava um discurso sobre o negro - vai tomando forma como se fosse sempre necessário dar uma resposta ao branco. Constrói-se assim a poesia como revide, caindo o poeta numa perversa armadilha que é a de encerrar-se num círculo vicioso que o impede de inovar, de ir em busca das enormes riquezas contidas na oralidade africana que poderiam vir a oxigenar esta poesia, imprimindo-lhe um novo vigor.

Em *Cadernos negros 11*, de 1988, nota-se ainda o eterno retorno ao passado, enfatizando-se as torturas impostas aos negros pelos feitores:

Fiz do chicote um laço
Das chicotadas pelourinho
Enforquei feitores
Chicoteei capitães do mato
Ceguei, retalhei sinhozinhos
Refugiei-me nas emoções
Sou impune
Livre.⁵

⁵ ALVES, M. "Revanche". In: *Cadernos negros 11*. São Paulo : Ed. dos autores, 1988. p. 50.

O que se verifica por esta rápida amostragem é uma proposta de formação identitária como grande síntese homogênea e “coerente”, com alto grau de transparência e previsibilidade. Não podemos aquilatar até que ponto esta literatura, que flerta com o panfletário, é útil à causa negra e à desconstrução da mentalidade racista, o que sabemos é que este conjunto de características sabotam o surgimento da grande poesia – que dispensaria adjetivos – que se quer necessariamente heterogênea, ambígua, opaca e imprevisível.

Não estamos aqui pregando que a poesia negra deva ser alienada, e que os poetas devessem de nutrir de matéria distante de sua história e de sua realidade. Sabe-se porém que a arte se quer antes de tudo intransitiva e a própria idéia de uma literatura a serviço de uma causa, de uma nação ou de uma ideologia parece absurda. O literário precisa transcender o estritamente efêmero e referencial e se dar a ler de forma a abranger faixas mais extensas do que os membros de um partido ou mesmo de uma nação, os adeptos de uma seita ou os integrantes de uma única comunidade. Se um texto é tecido dos mesmos rancores, das mesmas conivências e das mesmas complacências que unem uma mesma tribo, ela só interessa, em princípio, aos membros desta tribo que compartilham de idênticas referências. A linguagem literária é necessariamente plural e polifônica sendo a única que pode conter todas as demais, não podendo – como já ensinava Roland Barthes - ficar obrigada a dizer determinadas coisas e não outras. Nestes casos, quando a literatura se põe a serviço de uma causa, tornando-se denotativa e unívoca, a literariedade se desvanece, pela cristalização dos discursos que a compõem.

Sempre tomando-se como exemplo os poemas que constituem as publicações do grupo Quilombhoje, integrado por poetas de São Paulo e de outros estados que se unem para articular esta publicação anual há vinte anos, perceberemos que é como se os poetas obedecessem a uma pauta prévia, a um programa preestabelecido. Assim há sempre um eu enunciador que fala em nome de um nós da comunidade, dirigindo-se a um tu, ouvinte/leitor que deve ser sensibilizado pela palavra poética e motivado a aderir à mesma luta:

Quanto te envolver
Em minha negritude
Pegarás em armas
Armas-palavras
E sairás pelas ruas
Aos brados
Pegarás vida
E serás ressuscitado
Da catacumba, imunda ⁶

A própria identidade feminina fica abafada sob a imperiosa necessidade de falar em nome da comunidade, de conclamar seus membros à luta e de construir a ferro e fogo uma identidade. Miriam Alves escreveu, em 1984, este poema onde não aflora o eu-feminino, mas apenas o eu-negro, comprometido com a resistência à assimilação:

As boas vociferam
Ajoelham-se perante o Deus Alvo

⁶ JOSÉ ALBERTO, "Dominó". In: *Cadernos negros* 9. São Paulo : Ed. dos autores, 1986.

Mãos cúmplices agradecem falsas liberdades.

EU:

Aguço os meus dentes de revolta.

EU:

Salivo resistências entrincheiradas.

.....

NÓS:

Ficamos de luto empunhando espada guerreira

NÓS:

da branca-doença-da-vergonha.⁷

Na antologia de 1996 (*Cadernos negros 19*) observa-se uma mudança, uma segura investida de Miriam Alves em direção a uma poesia menos transparente e, portanto, mais simbólica e universal, como se lê neste poema:

Ainda faço-me estrela
Um céu repousa lento em mim
Transforma-me
Montanhas, mares e rios
Todos os mundos. Todas as idades
Guias do meu seguir.⁸

Como se pode perceber começam a ocorrer salutaras fissuras neste discurso homogêneo; a linguagem poética aflora liberta dos

⁷ ALVES, M. "Diá 13 de Maio". In: *Cadernos negros 7*. São Paulo : Ed. dos autores, 1984. p. 100.

⁸ ALVES, M. "Estradestrela". In: *Cadernos negros 19*, op.cit. p. 134.

compromissos de se transformar em “arma milagrosa” contra a intolerância e os radicalismos de toda sorte.

Como foi possível perceber pelos exemplos citados, a poesia negra brasileira, desde sua emergência, se caracterizou pela tentativa de orquestrar, por sua vez, um discurso hegemônico, uma vez que os escritores se sentem excluídos da Literatura Brasileira, enquanto instituição. Nascida para se constituir como contra-discurso, portanto para trafegar no contrafluxo da literatura oficial, servindo de contraponto às certezas da instituição literária, ela acaba por tornando solidificar-se tendendo a constituir projetos identitários essencialistas.

Não pretendemos, no reduzido espaço deste artigo, contestar a força que a literatura pode desenvolver em determinadas circunstâncias, em períodos de arbítrio e exceção por que passam as sociedades em certos períodos de sua evolução. A literatura nestes momentos pode ser – por seu caráter polifônico e pela multiplicidade de sentidos que pode emitir – o único tipo de discurso a desempenhar um papel desestruturador da sociedade, pois a censura impede todos os demais discursos de se exprimirem livremente. O discurso literário terá o mesmo papel do bobo da corte (*le fou du roi*), sendo o único que pode rir do rei, pois, devido à sua aparente frivolidade e a seu caráter ficcional e simbólico não é levada a sério, passando muitas vezes pelo crivo da censura que não chega a perceber seu caráter subversivo. Este é o inigualável poder que possui a literatura, e os grandes escritores têm sido justamente aqueles que conseguem usar este potencial subversivo da literatura para desestabilizar os sistemas sem comprometer a literariedade.

Concluindo:

Não queremos, pois que nosso propósito seja aqui confundido. Embora bem conscientes da capacidade de desestabilização que pode ter o texto literário, sabemos que sua força está mais naquilo que esconde ou camufla, que naquilo que exprime de forma demasiadamente óbvia. É o que tem ocorrido com grande parte das produções poéticas da assim chamada literatura negra brasileira.

Não foi objetivo deste trabalho, analisar as manifestações de poesia negra fora do âmbito do Quilombhoje, portanto alertamos os leitores no sentido de não generalizarem as afirmações aqui expressas para os demais autores. Formas poéticas de grande refinamento começam a surgir: à poesia semi-panfletária, que tendeu a construir-se muito próxima de referentes empíricos imediatamente reconhecíveis (como a cor da pele, etc.), parece estar sucedendo uma poesia que se descobre impotente para resolver sozinha todos os crimes dos sectarismos e das exclusões, optando pelo tom ambíguo e questionador e pela preocupação com o constante aprimoramento da linguagem poética. Seriam exemplos desta renovação os poetas Edimilson de A, pereira, de Juiz de Fora, Oliveira Silveira e Ronald Augusto, do Rio Grande do Sul, e Miriam Alves, de São Paulo, que, embora legitimamente preocupados com a busca de uma especificidade negra para sua poesia, deixam de se sentir atrelados a uma pauta de reivindicações ou compelidos a exprimir unicamente as agruras de seu ressentimento.

Assim, paradoxalmente, a literatura negra passará a ocupar um lugar mais importante no contexto da literatura e da sociedade brasileiras quando deixar de exprimir através de retórica grandiloquente e de forma

tão categórica as violências e os constantes ataques aos direitos humanos de que ainda são vítimas os negros brasileiros. É nas entrelinhas, naquilo que escamoteia e na sua inesgotável capacidade de trapacear com a linguagem que a literatura produz efeitos de verdade, que atingem e modificam o leitor, levando-o a reavaliar sua relação com o outro e com o Diverso.